

OS USOS DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA POR ESTUDANTES E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: informática aplicada à formação docente

Silvano Messias dos Santos¹
Fausta Porto Couto²

RESUMO:

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XVII, localizada em Bom Jesus da Lapa – BA. Tem como objetivo tecer reflexões sobre *quando, como e por que* docentes e discentes do curso de Pedagogia da referida instituição usam o laboratório de informática. A pesquisa revela que muitos estudantes e professores ainda usam a Internet para a simples reprodução mecânica de informações, sem o exercício crítico do pensar, o que impõe à universidade um novo desafio: construir práticas que regate o exercício da construção da autonomia docente e discente para pensar, produzir, escrever por conta própria. A pesquisa aponta ainda a necessidade de a Universidade oferecer aos seus estudantes maior interação com as novas linguagens digitais, para que possam prender a usar pedagogicamente as diferentes tecnologias de informação e comunicação, uma vez que no exercício da função de pedagogos/as precisarão ter essas habilidades técnicas e pedagógicas sobre as TICs.

PALAVRAS-CHAVE: Novas linguagens digitais. Práticas pedagógicas. Formação docente.

1. PARA COMEÇAR...

Este artigo é resultante de uma pesquisa monográfica realizada em 2012 na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – DCHT XVII, cujo objetivo foi analisar e refletir sobre como se articulam as novas linguagens digitais na formação do/a pedagogo/a no curso de Pedagogia da referida instituição. Os objetivos complementares à questão principal foram: caracterizar as práticas educativas do professor no curso de Pedagogia do DCHT XVII integrando as TICs aos seus fazeres docentes nos processos formativos; identificar *quando, como e por que* os professores do curso de Pedagogia integram as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no desenvolvimento de suas aulas, na pesquisa e na extensão; descrever os sentidos e significados que docentes e discentes do curso de Pedagogia atribuem às novas linguagens digitais na formação do/a pedagogo/a.

Neste artigo, apresentaremos apenas a síntese de um eixo da pesquisa, cujo objetivo foi analisar *quando, como e por que* estudantes e professores do curso de Pedagogia do DCHT XVII fazem uso do laboratório de informática.

¹ Pedagogo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XVII.

² Mestra em Educação pela Universidade de Brasília – UnB.

2. TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: um pouco de história

Historicamente, a tecnologia é tão antiga quanto a história da humanidade: desde o momento em que o homem começou a inventar ferramentas visando facilitar os seus fazeres cotidianos (caça, pesca, proteção) já estavam usufruindo de tecnologias. No entanto, como sabemos, o mundo neste último século vem desenvolvendo, em termos de produção material e cultural, mais radicalmente do que nos séculos passados (SAMPAIO & LEITE, 2010), quebrando paradigmas e certezas antes tidas como inquestionáveis (MORAIS, 1978).

Com a revolução tecnológica e o início da era da informática, notadamente a partir da década de 50 do século XX, a velocidade e a abrangência das transformações foram ainda maiores: nos meios de comunicação, nos negócios, na produção de riquezas materiais e de conhecimento. Assim, com o uso cada vez mais presente na sociedade dos meios audiovisuais/eletrônicos/midiáticos/virtuais, o dia-a-dia das pessoas mudou radicalmente: a forma como se relacionam, vêem o mundo, vivem, pensam, agem, aprendem, ensinam.

Segundo Bobin e Kouloumdjiam (1989) e Canevacci (1990), esse processo de ‘tecnologização’ da sociedade (SAMPAIO & LEITE, 2010), caracterizado pela abrangência/expansão das tecnologias, que cada vez mais ocupa destaque nos meios de comunicação/negócios/produção de riquezas materiais e de conhecimento, traz como resultado a produção de uma nova linguagem: a linguagem audiovisual.

De acordo com os dois primeiros autores citados, a linguagem audiovisual baseia-se em alguns pressupostos, como: ‘falar mais do que escrever’, ‘ver mais do que ler’, ‘sentir antes de compreender’. Para Moran (1992), os jovens contemporâneos têm menos facilidades com a linguagem escrita do que com a linguagem eletrônica, por diversas razões: as novas linguagens eletrônicas expressam e significam o pluralismo das situações cotidianas; respondem às suas sensibilidades (são rápidas/dinâmicas/tocam o afetivo e depois a razão); e atraem pela mistura de linguagens/assuntos/conteúdos que oferecem.

Graças às tecnologias digitais, a circulação de informações é, hoje, muito grande e facilmente acessível, principalmente pelos meios de comunicação de massa. A mídia – conjunto destes meios pelos quais as informações se movimentam –, é controlada, em nossa sociedade, pela classe dominante e vem exercendo influência dos ‘mais fortes’ em termos ideológicos (SAMPAIO & LEITE, 2010). Para Belloni (1991), essa influência é tão poderosa que a mídia passou, na atualidade, a assumir cada vez mais um papel de formadora de hábitos e atitudes das novas gerações, o que em tempos anteriores era tarefa da família e da escola.

Sendo assim, os adultos devem, então, aprender a ler os meios de comunicação sob a

ótica dos jovens, para poder ajudá-los a entender os problemas da sociedade de forma mais organizada/profunda e a compreender/dominar essas novas linguagens da cibercultura/do ciberespaço (Lévy, 1999) tendo uma visão mais ampla/crítica do mundo (MORAN, 1992). Para tanto, a interferência da escola/universidade neste contexto se faz necessária, podendo, pois, essas instituições, desempenhar papel importante na formação desses sujeitos, levando-os a fazer uso das novas linguagens digitais conscientemente. Em outras palavras, se a escola e a universidade são uma das instituições responsáveis pela educação das crianças e jovens, deve trabalhar com objetivos e meios que ajudem a formar nos alunos uma lógica e uma percepção capazes de levá-los a participar na construção de uma sociedade que produza e utilize tecnologias de forma mais crítica e democrática (SAMPAIO & LEITE, 2010).

As TICs na educação é um tema de discussão de vários autores, que refletem a utilização desses recursos no contexto educacional contemporâneo, cientes de que a sua inserção nos processos educativos podem (re) significar o processo de ensino-aprendizagem. Em função dessas possibilidades, o governo brasileiro, bem como outras instâncias, vem, nas últimas décadas, se conscientizando da necessidade do uso das novas linguagens tecnológicas nas escolas, reconhecendo que a mesma não pode ignorar essa realidade. Mais recentemente, por meio do PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional³ e dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, as ações que contemplam o uso das tecnologias digitais educativas nas escolas ganham impulso, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las ou delas usufruir.

Contextualizando os fatos, as primeiras experiências com o uso do computador na educação aconteceram na década de 1950. Os primeiros computadores, instalados em universidades americanas, possuíam apenas capacidade de programação e armazenamento de informação. Portanto, o seu uso, de natureza mecânica, se resumia meramente no armazenamento de informações. Mais tarde, o uso dessa ferramenta na educação foi, aos poucos, diversificando-se, sendo utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagens e auxiliar alunos/professores no processo de construção do conhecimento (VALENTE, 1993).

Para Lévy (1993), a tecnologia é, como a escrita, uma tecnologia da inteligência, fruto do trabalho do homem em transformar o mundo e ferramentas desta transformação. Freire

³Criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997. Trata-se de uma ação educacional do MEC, visando fomentar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como ferramentas de enriquecimento pedagógico na rede pública de Ensino Fundamental e Médio. O ProInfo foi criado com o objetivo de inserir no processo de ensino-aprendizagem das escolas de educação básica brasileiras as tecnologias digitais, com a instalação de laboratórios de informática e capacitação de professores e alunos, promovendo, assim, para além da melhoria do processo educacional, a inclusão social/digital das comunidades escolares brasileiras. Para saber mais, acessar o site do PDE: <http://gestao2010.mec.gov.br/> ou o site do MEC: <http://www.mec.gov.br/>

(2009) também pensa nesta mesma direção. Para ele, o sujeito, na medida em que lê o mundo, transforma-se. Na visão do autor, o contato do sujeito com o mundo escrito o faz apreender mais sua cultura e se inserir neste mundo com maior poder de atuação. Mas em tempos de cultura digital não basta ler apenas o escrito: as mensagens tecnológicas e sua interferência nas formas de organização de nossa sociedade e cultura também precisam ser lidas.

Na sala de aula, entre os professores, a disseminação de computadores, internet, celulares, câmeras digitais, e-mails, mensagens instantâneas, banda larga, TV, rádio e uma infinidade de invenções da modernidade provoca reações variadas, como: expectativa pela chegada desses novos recursos; empolgação com as possibilidades que se abrem; temor de que eles tomem seu lugar; desconfiança quanto ao potencial prometido; sensação de impotência por não saber utilizá-los ou por conhecê-los menos do que os próprios alunos.

Diante disso, uma questão que precisa ser refletida quando o assunto é a inserção das TICs na escola diz respeito à insegurança/resistência manifestada por parte de alguns professores (universitários e não universitários), que, acostumados com o quadro-de-giz, num primeiro momento temem sua substituição por máquinas. Entretanto, a sobrevivência profissional, para Valente (1993), só correrá risco se o professor conceber a educação como uma simples operação de transferência de conhecimentos de si para o aluno, como critica Freire (2009), que denomina esse tipo de educação como “educação-bancária”.

A esse respeito, Gil (2010) afirma que apesar de todas as críticas feitas ao papel do professor, a sua presença em sala de aula é muito importante e não será facilmente substituído por ‘máquinas de ensinar’. Na mesma direção, Gadotti (1994) defende que tecnologia nenhuma é tão perfeita que possa prescindir do organizador da atividade didática, o professor. Neste sentido, a presença das tecnologias na sala de aula (seja na escola ou na universidade), como assinala Belloni (1991), deve jamais ocupar o lugar do professor, mas representar um suporte técnico à disposição da sua criatividade e do seu trabalho.

Partindo do pressuposto de que é o professor quem orienta o processo ensino-aprendizagem, é sabido que a escola/universidade se materializa através do seu trabalho. É patente que nossa sociedade, com sua complexidade, não pode prescindir desta instituição [escola/universidade] ainda, sendo necessário perceber que, em última instância, a conscientização do trabalho e a qualidade que possuem dependem do trabalho diretamente do professor (SILVA, E., 1992; GATTI, 1987). Assim, sem a mediação do professor, torna-se muito difícil atingir os objetivos aos quais se espera das escolas e dos cursos de graduação. Em função disso, é o mesmo que um caminho sem rumo falar em melhorias e/ou qualidade da educação sem refletir, repensar, questionar a formação que os professores estão tendo na

graduação, para trabalhar pedagogicamente com as TICs em seus fazeres pedagógicos.

Nos últimos anos, muito se tem falado/teorizado os caminhos pelos quais devem trilhar a escola e a universidade para se fazer frente à sociedade da informação (IANNI, 1996), ou do conhecimento/da informação, como denomina Lévy (1993-1999). Assim, sob pena de ficar ultrapassada/distante do seu tempo, reformulações profundas nos sistemas/currículos escolares/universitários são propostos, à luz das novas exigências/necessidades contemporâneas. Portanto, como defende Kenski (2007), a universidade precisa formar um novo professor, um novo professor para uma nova escola, para as novas educações. Sobre essa questão, falaremos um pouco mais no eixo seguinte.

3. A SALA DE INFORMÁTICA DO DCHT XVII: espaço de formação/aprendizagens

O DCHT XVII dispõe de um laboratório de informática, um Centro de processamento de Dados (CPD) e uma sala de informática, para atendimento às necessidades da comunidade no tocante à produção de trabalhos, planejamentos de seminários, pesquisa (UNEB, 2010, p. 87). Além do uso administrativo, a comunidade acadêmica (docentes, discentes, funcionários, comunidade externa) utiliza os equipamentos e recursos de informática do Departamento nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Com uma área de 52,93 m², a sala de informática, que conta com 19 computadores interligados à Internet⁴, funciona de segunda à sexta-feira, das 08h00min às 22h00min, contando com o apoio de estagiários e de uma coordenação, a quem compete o gerenciamento dos trabalhos específicos da área.

Durante as observações na sala de informática, foi constatado que a maioria dos estudantes de Pedagogia frequenta esse espaço da instituição para a realização de trabalhos e pesquisas na Internet. Mas ficou claro também que muitos estudantes ainda usam a Internet para a simples reprodução mecânica de informações, sem o exercício crítico do pensar.

[...] vejo que ele [o futuro pedagogo] poderia utilizar mais, pois fica restrito [...] vemos muito ~copia e cola~. Acho que tem que ser mais estimulado a entender que a internet, veio como uma fonte de pesquisa que deve ser utilizada de forma ética. [...] o aluno [precisa perceber] que pesquisar na internet é como abrir um livro, ler, retirar as informações úteis, referendar o autor pesquisado de acordo com a ABNT. (MARIANA, professora de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

A professora reporta-se a um assunto muito presente na universidade: a questão da facilidade que o graduando tem em transitar pela tela do computador em busca de informação, que lhe é acessível e está disponível na rede das mais variadas formas. Como a docente

⁴ A forma de acesso à rede de comunicação é feita pela Rede Governo.

ênfatiza, o problema é que devido ao fato de termos informações em excesso na rede, nossos estudantes estão perdendo a capacidade de pensar e produzir, de se tornar autor/co-autor, fazendo uso indevido de informações que encontra na Internet, sem refletir sobre elas.

O que está acontecendo é que a autoria/autonomia dos estudantes universitários está se perdendo, visto que na sociedade da informação e do conhecimento em que vivemos amplia-se cada vez mais as possibilidades de apropriarem-se de obras protegidas por direitos autorais (SILVA, 2008). Nesta perspectiva, com tantos textos circulando pela Internet, todos à disposição dos estudantes, que se vêm tentados a fazer cópias/plágios, à universidade se impõe um novo desafio: construir práticas que regate o exercício da construção da autonomia para pensar e produzir por conta própria, entendendo a Internet como um livro de onde deve-se retirar as informações úteis e referendá-las, como ênfatiza a professora entrevistada.

Nesta direção, a fala da docente leva-nos a reafirmar a importância da mudança que é necessária em relação ao conhecimento na sociedade da informação e do conhecimento, considerando que, na condição de sujeitos de saberes que mediam e são influenciados pela riqueza das novas linguagens digitais, docentes e discentes do século XXI precisam entender que, para além de obter informações na rede, precisam transformar essas informações em conhecimentos⁵, visto que a cibercultura, segundo Lévy (1999), deve ser entendida como espaço de produção de cultura e conhecimentos, e não de mera reprodução de conhecimento.

Entendendo-a sob esse prisma, docentes e discentes certamente passarão da condição de simples usuários de informações ou objetos na rede para a de autoria, de sujeito pensante, produtor de conhecimentos. Nesta direção, Lévy (1999, p. 177) defende que as novas digitais possibilitam às escolas/universidades uma nova relação com o saber, na medida em que oportuniza “aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, [...] aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamento parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real”.

Ainda segundo o autor ora supracitado, estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, cabendo a nós, na condição de sujeitos pensantes, explorarmos as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. Entretanto, ressalta Lévy (1999), não querer dizer que tudo o que se faça com as redes digitais seja bom, mas que estejamos abertos às novidades, reconhecendo as mudanças qualitativas que as essas novas linguagens podem trazer à vida social e cultural. Daí a importância da sala de informática no curso de Pedagogia oferecido no DCHT XVII.

⁵ Ler Moran (2007) e Sampaio e Leite (2010), autores que defendem a ideia de que informação e conhecimento, apesar de se relacionarem entre si, não significam a mesma coisa.

Nesta perspectiva, ao se referir ao estudante de Pedagogia, uma professora entrevistada acredita que o laboratório de informática seja muito útil para o curso, pois, “*por apresentarem um perfil de estudante pobre [...] muitos ainda não têm acesso a alguns meios, como o PC*” (TATY, docente). No entanto, neste aspecto a pesquisa revelou o inverso: apesar de o estudante de Pedagogia, em sua maioria, pertencer, de fato, às classes populares economicamente desfavorecidas, muitos possuem computadores (net/not book, principalmente) e outros equipamentos eletrônicos, como celulares, MP3, ifone, dentre outros.

Por outro lado, alguns estudantes, por não terem acesso ao computador em casa, e para evitar gastos em *lan house*, utilizam a sala de informática do Departamento para digitar/enviar trabalhos, abrir e-mails, fazer leituras de artigos/textos eletrônicos, etc., mas reclamam da política adotada pela UNEB, que proíbe o acesso a determinados blogs e redes sociais, ‘obrigando-os’, de certa forma, a procurarem as *lan houses*.

Muitos professores não reconhecem [...] que os sites de relacionamento da rede podem servir como ferramenta educativa, como os blogs. Outra que o próprio sistema de rede na universidade não auxilia neste processo com sua política de ‘conservação da integridade educativa da rede institucional’ acaba por bloquear toda e qualquer tentativa de se pensar em algo que seja proveitoso à formação e educação de alguém. Mais ainda, por outro lado os alunos também têm suas parcelas de contribuições nesse processo, por não saberem ou não serem educados a utilizarem corretamente, não respeitam os limites do bom senso, do bom uso, fazendo uso desses recursos de forma imprópria. (GISLANE, curso de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

Vejo com bons olhos [a sala de informática]. [...] mas vejo muito escassez do uso, quanto desrespeito a exploração do potencial acadêmico dos alunos e do crescimento da própria instituição. Laboratório limitado e sua política de acesso mais limitada ainda e poucos livros que falam do assunto. [...] vejo meramente [o laboratório] como um acessório que é usado paralelamente aos projetos educacionais e que seu uso é facultativo. (MESSIAS, curso de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

Os dois universitários abordam o mesmo ponto: a importância do laboratório de informática no curso de Pedagogia. Entretanto, ressaltam que discentes, bem como os docentes, nem sempre usam o laboratório como deveriam: exploram pouco os recursos, fazem usos impróprios, mecânicos, facultativos. Também afirmam não compreenderem a política de ‘conservação da integridade educativa da rede institucional’, que limita o acesso a redes sociais e outros recursos, ignorando as potencialidades das tecnologias educativas. Com isso, de acordo com os depoimentos, a Universidade contradiz o seu discurso: sim, porque em sala os professores ‘pregam’ que as redes sociais são ferramentas pedagógicas e podem estar a serviço do processo de ensino-aprendizagem, da construção do conhecimento; mas, na

prática, a UNEB proíbe os estudantes de terem acesso a essas redes digitais, contradizendo o sentido de novas linguagens. Mais uma graduanda de Pedagogia se manifesta:

[...] a facilidade ao acesso dos computadores estimula bastante o nosso desenvolvimento. O laboratório de informática é visitado na grande maioria das vezes para a realização de pesquisas pela internet, digitação de trabalhos [...]. Muitas vezes surge a discussão de que o acesso às redes sociais ou mesmo a alguns sites devem ser limitados, mas compreendo que esta comunicação é fundamental para o homem atualmente, mesmo na faculdade o computador não precisa necessariamente ser usado exclusivamente para estudar, o estudante pode vivenciar momentos de lazer também. (NOZILMA, curso de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

De acordo com os estudantes, até pouco tempo o acesso às redes sociais na sala de informática era permitido. Entretanto, esse acesso foi ‘cortado’ por que os estudantes passaram a acessar o Facebook e outras redes sociais durante as aulas, atrapalhando-as. Mas, como afirma a primeira entrevistada, essa não é razão para limitar o acesso às ferramentas tecnológicas. Segundo ela, se os estudantes estão fazendo usos impróprios desses recursos é porque não foram educados para usá-los adequadamente, o que implica na necessidade de, ao invés de limitar esse acesso, a Universidade agir no sentido de mudar a relação desse sujeito com a máquina, fazendo-o percebê-la sob outra ótica. No entanto, de acordo com os entrevistados, o DCHT XVII pouco intervêm, adotando uma postura impulsiva, neste caso, limitando o acesso às redes sociais, como se esta fosse a solução mais inteligente.

[...] acho que deveria ter projetos específicos para ensinarem os usuários a utilizarem os meios eletrônicos, pois muitos ainda não sabem como utilizar, muito menos ainda como fazer dessas tecnologias uma ferramenta educativa. Para se trabalhar com graduandos em pedagogia, ou seja, futuros professores, os formadores de educadores devem mostrar meios de utilização desses recursos em aulas [...] (GISLANE, curso de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

Como se observa, atrelada às críticas em torno da política unebiana que proíbe o acesso às redes sociais, a maioria dos estudantes de Pedagogia do DCHT XVII entrevistados queixa-se da necessidade de a Universidade oferecer-lhes maior interação com outras linguagens digitais (novos programas, softwares), para que possam aprender a usar as diferentes tecnologias, uma vez que, no exercício da função de pedagogos, precisarão ter habilidades técnicas e pedagógicas sobre as TICs, como diz um dos estudantes: “[...] a universidade tem muito pouco recursos tecnológicos e o material que tem não atende a demanda” (MESSIAS, discente). Além disso, afirma o discente que o Departamento dispõe, em sua biblioteca, de poucos materiais que abordem a questão das TICs na educação.

As entrevistas afirmam ser o laboratório de informática um espaço muito rico dentro da Universidade, pois oportuniza a comunicação, a pesquisa, o contato com a informação, a

edição de filmes/imagens, o acesso (limitado) a blogs educativos, a produção de trabalhos, o planejamento de seminários, que geralmente são realizados com o apoio de vídeos e imagens, apresentados em *PowerPoint*.

Durante as visitas feitas ao laboratório, não foi observado estudantes acessando fóruns e/ou analisando/criando jogos educativos, mas alguns, inclusive, levam para a Universidade programas salvos em pendrive/CDs e fazem uso de *softwares* para produção/edição de imagens, como o *Corel Draw* e o *Adobe Photoshop*, por exemplo, utilizados também para a criação de páginas da Internet (*Frontpage* e *Dreamweaver*) e criação/edição de vídeos. Segundo uma das docentes do curso de Pedagogia, ao falar da importância que tem a sala de informática no curso de Pedagogia, afirma ser insuficiente para professores e estudantes a existência de apenas um laboratório de informática no Departamento. Assim diz ela:

Acho que agiliza bastante a troca de informações, contribui para a preparação de aulas. Mas acho que os computadores sofrem do problema da lentidão, o que dificulta se utilizar de alguma forma atividades interativas com o recurso da internet. O laboratório de informática deveria ter dois espaços: um para a utilização do professor que quisesse desenvolver aulas mediadas pelas TICs e outro para os alunos que frequentam aleatoriamente e que tem que ter o seu espaço garantido em qualquer hora. (MARIANA, professora de Pedagogia, UNEB/Campus XVII)

O que a docente quer dizer é que, se o professor, no desenvolvimento de sua aula, optar em levar seus alunos para a sala de informática, precisa agendá-la previamente, reservando-a. Neste caso, enquanto o laboratório estiver em uso do professor, o estudante não têm acesso aos computadores, o que significa que ele, neste caso, não tem o espaço do laboratório garantido o tempo todo.

Além da sala de informática, é preciso lembrar que o DCHT XVII possui outro espaço no qual os estudantes de Pedagogia se deparam e também são levados a utilizar as novas linguagens digitais: a biblioteca, espaço responsável pelo gerenciamento da informação e disseminação do conhecimento, sendo, pois, no contexto do Departamento, um pilar muito importante na formação do/a pedagogo/a (UNEB, 2010). Localizada no centro do Campus, a biblioteca, que possui uma área equivalente a 69,28 m² e funciona de segunda a sexta-feira, possui um acervo com cerca de 1.024 títulos (3.376 exemplares), 25 DVDs e 99 fitas⁶.

Os livros, DVDs e fitas de vídeo podem ser consultados no recinto da própria biblioteca e/ou disponibilizados para empréstimos. É possível também que os usuários tenham acesso aos materiais existentes na Biblioteca Central (Campus I/Salvador) e nas demais

⁶ Esses dados (data da pesquisa) foram apresentados pelo projeto do curso de Pedagogia do Campus, sendo que novos títulos estavam em processo de catalogação.

bibliotecas, pertencentes às setoriais, por meio do sistema de empréstimo interbibliotecário. Pela Internet, o discente/docente tem acesso ao Sistema Integrado de Bibliotecas da UNEB, disponível em <http://www.biblioteca.uneb.br/>, podendo solicitar livros ou outros materiais, já que no referido endereço eletrônico tem-se disponível as bibliotecas de todos os campi. O acesso também pode ser feito por meio do portal da UNEB (<http://prograd.portalv2.uneb.br/>), página que dá acesso ao Sistema de Bibliotecas da UNEB – SISB.

Portanto, percebe-se que, além da sala de informática, a sala de pesquisa da biblioteca se constitui em outro espaço no qual os estudantes do curso de Pedagogia do DCHT XVII se deparam e/ou são levados a utilizar as ferramentas da cibercultura/do ciberespaço. Afinal, para conseguir verificar a existência e/ou disponibilidade de materiais disponíveis no Sistema de Bibliotecas da UNEB (livros, dissertações, teses, revistas, periódicos, fitas de vídeo, DVDs, CDs, etc.), o/a graduando/a de Pedagogia precisa saber utilizar as Tecnologias digitais de Informação e Comunicação – TICs, neste caso, o *software* de gerenciamento da biblioteca.

No entanto, embora boa parte desses estudantes sejam nativos digitais, constatou-se que alguns apresentam dificuldades em lidar com essas ferramentas, os quais acreditam ser importantes, no curso de Pedagogia, por meio dos próprios TECs – Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade, ofertar cursos que capacite o/a futuro/a pedagogo/a a lidar tecnicamente/pedagogicamente com as novas linguagens da informática educativa, já que uma única disciplina (Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC) é insuficiente.

Diante do que foi observado/entrevistado/analísado, conclui-se que a UNEB/Campus XVII, ciente do seu papel social enquanto instituição responsável pela formação de pedagogos/as para a contemporaneidade, reconhece a necessidade de buscar o desenvolvimento de espaços científicos, tecnológicos, culturais e sociais da comunidade em que está inserida, contribuindo, assim, para formação/qualificação desses profissionais da educação. Imbuída dessa filosofia, a referida instituição visa, em sua área de competência, a produção crítica do conhecimento científico, tecnológico e cultural, facilitando o seu acesso e difusão, como afirma em seu Projeto Político Pedagógico.

4. PARA TERMINAR...

Apresentando diferentes níveis de letramento digital, a pesquisa revela que os professores do curso de Pedagogia do DCHT XVII incorporam em suas práticas docentes as tecnologias de informação e comunicação que o Departamento disponibiliza. Assim, numa tentativa de sistematizar algumas questões levantadas na pesquisa, foi constatado que os docentes fazem uso das TICs para: melhorar a estética das aulas (potencialização do tempo,

rapidez/facilidade na comunicação, maior sistematização/apreensão dos conteúdos); enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando as aulas mais atrativas e participativas; socializar informações/conhecimentos; comunicação entre discentes, docentes e Departamentos; divulgação de saberes, cursos on-line; receber/avaliar/orientar trabalhos; ressignificar as novas formas de pensar o ensino, a aprendizagem, a pesquisa e a extensão.

Quanto aos discentes do curso de Pedagogia, estes fazem uso das TICs dentro e/ou fora do Departamento para diversas funções e situações, dentre as quais podemos citar resumidamente: realizar avaliações/atividades/pesquisas, bem como digitar/enviar trabalhos acadêmicos; comunicação entre discentes, docentes e Departamentos; acompanhar suas notas e realizar matrícula, bem como para se atualizar; acessar o acervo de biblioteca para reserva e/ou renovação de materiais; apresentar trabalhos com a projeção de sons, vídeos, imagens via data-show; participar de fóruns/listas de discussões, videoconferências.

Dentre as ferramentas informatizadas, espaços e/ou recursos de apoio que o DCHT XVII disponibiliza e/ou utiliza, estão:

- O *portal acadêmico*⁷, onde o aluno, por meio de um *login* disponibilizado pela coordenação da sala de informática, tem acesso ao calendário acadêmico, à notícias, suas turmas/notas, frequência, aviso dos professores, matrícula⁸;
- O portal⁹ da UNEB, que dá acesso ao calendário acadêmico, informações sobre os Departamentos, cursos de graduação e pós-graduação, projetos de ensino/pesquisa/extensão;
- Sistema Integrado de Bibliotecas¹⁰, onde o aluno pode ter acesso aos materiais existentes nas Bibliotecas central e setoriais, podendo solicitar reserva/empréstimo por meio do sistema de empréstimo interbibliotecário;
- A EDUNEB¹¹ (Editora da UNEB), onde o aluno pode ter acesso à produção de obras das diversas áreas do conhecimento e fazer pedidos de livros/publicações on-line;
- A UNEBMAIL¹², onde o aluno pode acessar com segurança o webmail, que é uma interface da world wide web, permitindo-lhe ler/escrever e-mails;

⁷ Disponível em: <http://www.portalacademico.uneb.br/portalsagres/>. Acessado em 31 de dezembro de 2012.

⁸ Com a criação da matrícula web, os estudantes passaram a ter como fazer a sua matrícula usando a Internet, tendo o comprovante de matrícula e informações referentes ao seu curso disponibilizados na própria Web. Com isso, o fluxo de alunos no colegiado do curso de Pedagogia e Administração diminuiu consideravelmente no DCHT XVII, visto que o comparecimento do aluno ao Departamento passou a ser necessário apenas nos casos de reajuste de matrícula e/ou para solicitar a assinatura do seu comprovante de matrícula.

⁹ Disponível em: <http://www.uneb.br/index.php>. Acessado em 31 de dezembro de 2012.

¹⁰ Disponível em: <http://www.biblioteca.uneb.br/>. Acessado em 31 de dezembro de 2012.

¹¹ Disponível em: <http://eduneb.uneb.br/>. Acessado em 31 de dezembro de 2012.

¹² Disponível em: <https://unebmail.uneb.br/owa/auth/logon.aspx?url=https://unebmail.uneb.br/owa/&reason=0>

- O NUPE (Núcleo de Pesquisa e Extensão do DCHT/Campus XVII), blog¹³ onde o estudante tem acesso aos projetos de ensino/pesquisa/extensão do Departamento;
- A sala de informática, para atendimento às necessidades da comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS:

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- BELLONI, M.L. **Educação para a mídia: missão urgente da escola**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 17, p. 36-46, ago. 1991.
- CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. SP: Cortez, 2009.
- _____, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 2009.
- GADOTTI, M. **A escola e a pluralidade de meios**. Escola e vídeo. Rio de Janeiro, vn. 6, p. 32-33, jan. 1994.
- IANNI, O. **A era do globalismo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- GATTI, Bernadete A. **Sobre a formação de professores de 1º e 2º graus**. Em aberto. Brasília, v. 6, n. 34, p. 11-15, abr/jun. 1987.
- GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2010.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. SP: Papirus, 2007.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.
- MORAIS, J. F. R. de. **Ciência e tecnologia**. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Moraes Editora, 1978.
- MORAN, J. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. SP: Papirus, 2007.
- _____. Os jovens e as novas linguagens eletrônicas. In: _____. DIDONÉ, Iraci M; SOARES, Ismar O. **O jovem e a comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, p. 37-40, 1992.
- SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. RJ: Vozes, 2010.
- SILVA, Jefferson I. da. **A educação e a revolução científica e tecnológica contemporânea**. Revista ANDE. São Paulo, v. 11, n. 18, p. 5-13, 1992.
- SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?** Revista Brasileira de Educação. v. 13 n. 38 maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>. Acessado em 28 de dezembro de 2012.
- UNEB. **Projeto do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – DCHT. Campos XVII. Bom Jesus da Lapa – BA, 2010.
- VALENTE, J.A. Por que o computador na educação? In: _____. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1993.

¹³ O Blog, espaço virtual lançado pelo NUPE, tem como finalidade divulgar atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas por estudantes e professores do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – DCHT/Campus XVII. Além disso, o blog tem como objetivo facilitar o trabalho dos professores na realização de pesquisas científicas e na elaboração de projetos de pesquisa. Através do endereço eletrônico <http://nupelapa.blogspot.com> é possível ter acesso aos colegiados do Departamento, ter informações sobre divulgações científicas e sobre os grupos de pesquisas que já atuam no Campus.